

VIOLÊNCIA DE ESTADO E INSTITUCIONALIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PODCAST “HISTÓRIAS MARGINAIS”¹

Dhuna Schwenke Teixeira², Viviane Trindade Borges³, Nome completo dos demais participantes⁴

1 Vinculado ao projeto “Usos do passado e patrimônio carcerário: diálogos entre Brasil e Portugal (1960 ao Tempo Presente)”

2 Acadêmico (a) do Curso de História- Licenciatura – FAED – Bolsista PIBIC/CNPq

3 Orientador (a) Departamento de História – FAED – vivianetborges@gmail.com

O projeto de pesquisa “As prisões são patrimônio? Práticas asilares, políticas de memória e processos de patrimonialização, diálogos entre Brasil e Portugal”, possui apoio FAPESC (Edital Universal), e é parte das ações do Arquivos Marginais, uma plataforma de ações que envolvem pesquisa, extensão e ensino em instituições de confinamento/internamento, bem como as experiências das pessoas atravessadas por estes locais. Esse trabalho é resultado de uma pesquisa incipiente acerca das práticas institucionais e do cotidiano carcerário, problematizando as ressonâncias das violências de Estado no contexto da Penitenciária de Florianópolis. Para tal, foi utilizado como principais fontes os episódios do podcast “Histórias Marginais”, uma ação de extensão do projeto Arquivos Marginais em conjunto com o Laboratório de Patrimônio Cultural da Udesc/Faed (LabPac).

O projeto Arquivos Marginais, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Viviane Trindade Borges, foi criado em 2011 e tem como foco de atuação a organização e difusão de acervos ligados a instituições de isolamento, com temáticas como crime, loucura, políticas públicas e práticas institucionais, dentro do campo de História do Tempo Presente e História Pública. O projeto realiza a salvaguarda de aproximadamente 4 mil prontuários (dados da década de 1930 a 1980) doados pela Penitenciária de Florianópolis ao Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH/UDESC) em 2012. E é justamente, a partir desse acervo documental que o podcast “Histórias Marginais” constrói suas narrativas de indivíduos que tiveram suas vidas atravessadas por essa instituição de isolamento e controle.

A Penitenciária da Pedra Grande, atual Penitenciária de Florianópolis, foi inaugurada em 1930, como parte do projeto modernizador e higienizador que estava em voga no governo de Getúlio Vargas. Em 1935, quando o jurista Edelvito Campelo D’Araújo é nomeado para a direção, há uma transformação estrutural e filosófica, com a adoção dos ideais da Escola Penal Positiva, calcada na criminologia, antropologia criminal e nas idéias de Cesare Lombroso. Araújo estava inserido num debate da intelectualidade nacional, se inspirou principalmente na Penitenciária de São Paulo.

Essa nova tendência filosófica lombrosiana, idealizava uma regeneração do ser a partir de um ambiente higienizado, disciplinado com foco no trabalho (com a nova direção é inaugurado novas Oficinas de Trabalho). Para que essa regeneração ocorresse, pretendiam construir um saber jurídico e médico sobre esses indivíduos. Sendo assim, os prontuários eram, na teoria, uma ferramenta utilizada pela instituição para que fosse possível o controle e a disciplinarização dos indivíduos institucionalizados.

Os prontuários são um conjunto documental variado que narra a vida desses indivíduos. Tinham como objetivo a investigação precisa (pelo menos na teoria, pois quando olhamos de perto os prontuários vemos que faltou uma padronização no seu preenchimento) do comportamento, personalidade, heranças genéticas, questões socioeconômicas para que pudessem compreender as tendências criminosas e moral desses desviantes, mantendo assim, um controle permanente e vigilante dessas vidas. No geral, eles são compostos por ofícios internos e externos, pedaços de processos, memorandos, cartas pessoais (se elas estão no prontuário é por que ou não foram enviadas ou foram confiscadas por serem consideradas impróprias por algum motivo), Carta Guia do Sentenciado, entre outros documentos do cotidiano da instituição.

São um conjunto de fontes muito rico, pois nos possibilita compreender, pelo menos em partes, às normas, comportamentos, relações de poder e o cotidiano institucional, para além dos documentos oficiais. Por serem produzidos dentro de uma lógica interna e com objetivos bem específicos, se faz necessário tomar alguns cuidados, pois as autoridades da instituição tinham o controle total sobre qual informação entraria, ou não, no prontuário. Permitem que seja traçado um perfil do interno, mas não é uma biografia completa dele, ou seja, temos acesso a fragmentos da vida desses indivíduos que se não tivessem passado por essas instituições de isolamento não teríamos nenhum registro de suas vidas, trajetórias e questões.

É a partir do trabalho de catalogação e análise desses prontuários que o podcast “Histórias Marginais” foi criado, narrando algumas dessas histórias, com o objetivo de compreender esse cotidiano da Penitenciária de Florianópolis. A primeira temporada, intitulada “Escritos Efêmeros”, é composta por cinco episódios com uma história diferente por episódio. Nessa primeira temporada, foi feita a escolha de não utilizar os nomes verdadeiros dos sujeitos encarcerados, mas pseudônimos de prisões do Brasil e do exterior, para o anonimato deles fossem garantidos, e os personagens que ocupavam cargos públicos tiveram o seu nome mantido, já que suas ações tinham reverberações públicas. É a partir dessas narrativas, juntamente com uma bibliografia, que podemos buscar elementos do seu cotidiano, e de como que ele se difere da lei regente, nos permite pensar sobre questões como a violência de Estado, dentro da perspectiva de História do Tempo Presente, as teorias criminalistas eugenistas presentes nessas narrativas, e muitas outras questões que serão descobertas conforme os casos forem estudados com profundidade.

Palavras-chave: História do Tempo Presente; Cotidiano Institucional; Violência de Estado; História Pública

Referências Bibliográficas:

BACCIN, Lucas Coelho. Penitenciária da Pedra Grande: Instituição de sequestro e produção de saber sobre os detentos (1930-1940). Tese de Mestrado. **Universidade do Estado de Santa Catarina**. 2019.

BORGES, Viviane Trindade. Nem loucos, nem são, “tipos à parte”: Arquivos, Crime e Loucura em Santa Catarina (1930–1970). **Revista Latino-Americana de História**, v. 3, n. 12, p. 6-20, 2014.

BORGES, Viviane; SALLA, Fernando. Prontuários de instituições de confinamento. In: RODRIGUES, Rogério Rosa. (Org.) Possibilidades de Pesquisa em História. São Paulo: **Contexto**, 2017.

FERLA, Luis Antonio Coelho. Feios, sujos, malvados sob medida. Do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, **Programa de Pós-graduação em História Econômica**. São Paulo. 2005.